

arqueologia



índice

- | | |
|---|---|
| 1 <i>O papel da «Arqueologia»...</i>
por Vítor O. Jorge, da Faculdade de Letras do Porto e do GEAP | 75 <i>As moedas gregas da Serra do Pilar...</i>
por Mário C. Hipólito, da Faculdade de Letras de Coimbra |
| 5 <i>Os carvões vegetais e as floras...</i>
por J.-L. Vernet, da Univ. das Ciências e Técnicas do Languedoque, França | 83 <i>A cidade romana: história e urbanismo</i>
por Vasco G. Mantas, da Faculdade de Letras de Coimbra |
| 12 <i>Em torno de alguns problemas do megalitismo...</i>
por Vítor O. Jorge | 92 <i>Sepulturas medievais na terra de Aguiar...</i>
por Mário J. Barroca, da Faculdade de Letras do Porto e do GEAP, e António Morais, do GEAP |
| 23 <i>Uma data de radiocarbono...</i>
por Vítor O. Jorge | 103 <i>Estações e Monumentos:</i>
<i>Três dólmenes do distrito do Porto</i>
por Vítor O. Jorge |
| 24 <i>Escavação da Mamoa 2 de Cabritos...</i>
por Vítor O. Jorge | 109 <i>Museus</i> |
| 36 <i>Notas bibliográficas para o estudo...</i>
por Gonçalves Guimarães, do Gabinete de História e Arqueologia de V. N. Gaia | 112 <i>Instituições</i> |
| 44 <i>A análise polínica...</i>
por M.-T. Morzadec-Kerfourn, da Fac. de Ciências da Univ. de Rennes, França | 113 <i>Arqueólogos</i> |
| 55 <i>Duas datas de C14 para a Sepultura I...</i>
por Susana O. Jorge, da Faculdade de Letras do Porto e do GEAP | 116 <i>Publicações recentes</i> |
| 57 <i>O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa...</i>
por António M. Baptista, do Parque Nacional da Peneda—Gerês | 118 <i>Notícias</i> |
| 70 <i>Cultura castreja...</i>
por Carlos A. F. de Almeida, da Faculdade de Letras do Porto | <i>Extra-texto: Fichas de Introdução à Arqueologia:</i>
<i>Carnac (alinhamentos de), por V. O. Jorge</i>
<i>Ornatos brunidos (cerâmica com), por E. C. Serrão</i>
<i>Ferradura, por J. de Alarcão</i>
<i>Cerâmica medieval, por M. J. Barroca</i> |

O COMPLEXO DE GRAVURAS RUPESTRES DO VALE DA CASA — (Vila Nova de Foz Côa) (*)

por António Martinho Baptista

1. INTRODUÇÃO

Uma equipa da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho descobria, em meados de 1982, durante os trabalhos de prospecção das zonas que em breve seriam submersas pelas águas da albufera da barragem do Pocinho, um primeiro grupo de 5 rochas insculpturadas, uma delas com motivos zoomórficos finamente gravados que, curiosamente, lembravam um estilo paleolítico (conf. grav. de cavalo à direita da Fig. 4). Localizadas na margem esquerda do rio Douro, no sítio do Vale da Casa (freguesia e concelho de Vila Nova de Foz Côa), a menos de 5 kms. para montante da citada barragem (Fig. 1), aqui realizámos, com o apoio do I. P. P. C., uma imediata campanha de salvamento, trabalho que visava igualmente a detecção de outras plataformas gravadas na zona circundante (Fig. 2). Esta campanha, realizada em

Outubro seguinte ⁽¹⁾, permitiu o inventário e estudo de 23 rochas gravadas, 2 das quais apenas com traços modernos (rochas n.ºs 8 e 19) ⁽²⁾.

Com uma implantação topográfica em tudo idêntica às grandes estações litostáticas do Vale do Tejo (e ameaçada igualmente por uma barragem), as gravuras do Vale da Casa estão disseminadas pelas lisas plataformas, patinadas predominantemente a vermelho-ferruginoso, castanho escuro ou azul escuro, dos bancos xisto-graváquicos rompidos pelas águas do rio Douro e que, no local, devido certamente à ampla curva descrita pelo rio, se inscrevem num vasto *plateau* onde o banco pétreo aflorado se alargou consideravelmente (Fig. 2). Neste *plateau* fluvial seria então também identificada e parcialmente escavada ⁽³⁾ uma necrópole de cistas, cobertas actualmente, na sua maioria, por pequenas mamoadas pétreas (as terras teriam sido desmontadas pela erosão), o que, aparen-



Fig. 1 — Localização do sítio do Vale da Casa na carta 1: 250 000.



Fig. 2 — Estação do Vale da Casa (1982). Perspectiva de montante para jusante.

temente, dava um importantíssimo enquadramento cultural às gravuras (Figs. 3 e 17).

Para além das 23 rochas estudadas, muitas outras haveria com gravuras, mas no momento do nosso levantamento arqueológico, as águas do rio estavam já muito alteadas relativamente ao seu curso normal, devido à ultimateção dos trabalhos da barragem do Pocinho. Algumas destas rochas, permanentemente submersas, ainda puderam ser observadas, mas o seu desenho e estudo foi já impossível de realizar. Entre estas, figuravam alguns antropomorfos semiesquemáticos obtidos por picotagem. A importância de algumas das rochas estudadas é, no entanto, relevante, particularmente a n.º 10, um pequeno mas espantoso painel de motivos sobrepostos (Fig. 6).



Fig. 3 — Outra perspectiva do Vale da Casa, com a rocha mais a jusante do complexo (1) e uma das cistas escavadas (2) (a da Fig. 17).

As técnicas de levantamento utilizadas, conjugaram as moldagens em latex⁽⁴⁾ das principais rochas gravadas, com o desenho «in loco», para plástico transparente de tipo polivinilo, de todas as superfícies historiadas, após prévia visualização destas com o método neutro ou bicromático (tintas utilizadas: branco e preto). A cuidada aplicação da bicromia, que se revelou particularmente eficaz nas rochas xisto-grauváquicas do Vale da Casa, permitiu mesmo a detecção de gravuras praticamente desaparecidas devido à erosão das águas. Por outro lado, a complexidade de painéis como o da rocha n.º 10 (Fig. 6), com inúmeras sobreposições, justificava a sua moldagem, eventualmente utilizável após a submersão do sítio, como futuro elemento corrector.

2. TÉCNICAS, TIPOS E ESTILOS

No complexo insculptório do Vale da Casa, há três tipos principais de técnicas de gravação, directamente relacionáveis com os próprios tipos e estilos das gravuras. Assim, estas podem ser:

- 1) De traço contínuo muito fino, obtidas por fricção ou esfregamento da rocha, cuja largura pode variar entre 1/4 de mm e 3 mm, a que chamaremos filiformes. Representam a técnica predominante em toda a estação.
- 2) As obtidas igualmente por fricção ou esfregamento, mas com o traço mais grosso a meio e muito afilado nas extremidades (concentradas na rocha 3).
- 3) Finalmente, as picotadas ou litostíticas, que são os tipos menos comuns na estação. Este tipo de gravuras estava mais concentrado junto ao curso do rio, já alteado aquando dos nossos trabalhos. E, pois, possível, que existam mais gravuras obtidas por picotagem, já então submersas.

O tipo 1 é obtido talvez com instrumentos de sílex ou quartzo, ou mesmo

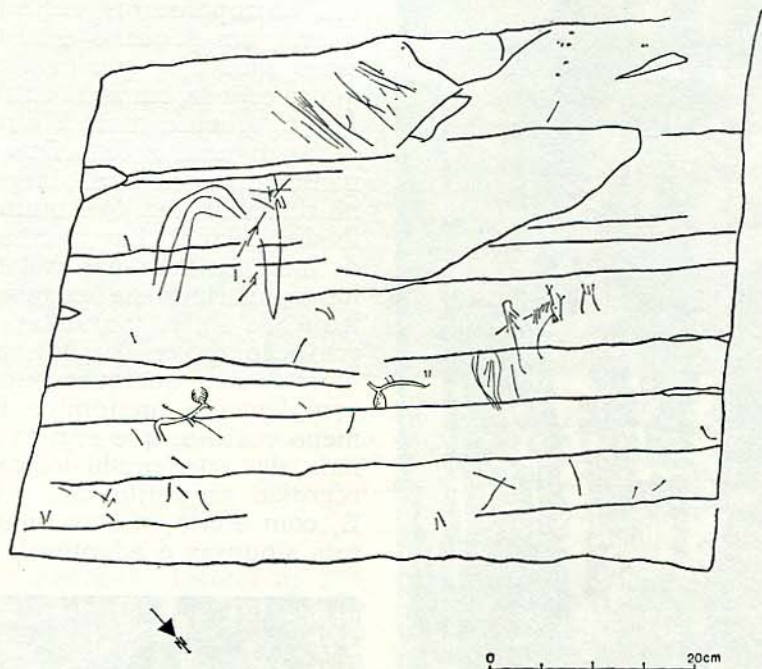


Fig. 4—Rocha 7, onde, para além de traços informes, podem identificar-se dois pequenos cervídeos e dois equídeos (cavalos). Veja-se o estilo do cavalo da direita, aparentemente uma forma arcaica, na tradição da melhor arte zoomórfica peninsular.

de ferro, de pontas aceradas e muito cortantes. Dominante em quase todas as rochas, os seus negativos, em corte, apresentam uma inclinação em V, com um lado recto e outro subvertical, representando este possivelmente, a inclinação preferencial do percutor (Conf. Figs. 4 e 6).

O segundo tipo é idêntico ao dos chamados «polidores neolíticos» de Santos Júnior na Pedra Escrita de Ridevides (SANTOS JÚNIOR, 1963), tendo igualmente bons paralelos em abrigos recentemente descobertos na zona de Mogadouro, onde, como na rocha 3 do Vale da Casa, há painéis unicamente preenchidos com motivos deste tipo e sem qualquer outro género de associação (informação, que agradeço, do Dr. Francisco Sande Lemos).

Os de tipo 3, que se integram aliás na mais comum das técnicas de gravuras em xistos (quase 100 % dos motivos da Arte do Tejo são assim obtidos), apresentam uma lascagem predominantemente subvertical, com picotagem directa, batida

quase sempre da direita para a esquerda (Fig. 5).

Embora estas técnicas de gravação distintas se concentrem todas numa mesma estação, a tipologia das gravuras de cada uma delas é totalmente diferenciada, e há aqui, como veremos, pelo menos duas fases cronológico-culturais distintas.

As gravuras de tipo 1 ou filiforme, sendo predominantes, são as que apresentam igualmente a tipologia mais rica e variada. Genericamente, podem isolar-se 5 tipos diferenciados: antropomorfos, zoomorfos, armas (metálicas e, possivelmente, pontas líticas), geométricas ou não identificáveis e alfabetiformes (pelo menos uma inscrição).

As figuras antropomórficas mais características são de um tipo totalmente desconhecido até agora no NW e mesmo na Península. Concentram-se quase todas na rocha 10, a mais importante do complexo (Fig. 6). Com pequenas cabeças circulares e sem qualquer outro traço facial, braços



Fig. 5 — Antropomorfo semi-esquemático, fálco, da rocha 4 (pormenor), obtido por píctotagem. Fase antiga do complexo.

e pernas bem assinalados por linhas paralelas ou convergentes que lhes dão a sensação de volume, os membros inferiores, alguns decorados junto aos joelhos ou perto dos pés por dois pequenos traços paralelos, prolongam-se até meio do tronco, rematando em semicírculo ou cruzando-se em X (Fig. 7). Com os pés sempre assinalados naturalisticamente, as extremidades dos braços figuram umas mãos onde os dedos são imitados por duas ou três formas do tipo «dentes de serra». Dois destes antropomorfos têm na cabeça estranhos chapéus ou capacetes que se assemelham a turbantes: uma forma sub-circular que envolve toda a cabeça até ao pescoço, encimada por um pequeno semicírculo (Fig. 8). Dois outros destes curio-

sos antropomorfos seguram, respectivamente, um pequeno arco (Fig. 7) e uma arma metálica, que parece ser uma pequena espada, curva na extremidade (Conf. Fig. 6, gravura mais à direita da rocha).

As figuras zoomórficas são predominantemente cavalos, largas dezenas só na rocha 10 (Fig. 6) e muitos outros espalhados pelas rochas vizinhas, que vão desde modelos mais naturalistas, com cauda longa, estriada na extremidade por um leque de linhas paralelas (Fig. 9), até à gravação apenas da sinuosa linha cérvico-dorsal, sem qualquer outro atributo ou complemento anatómico (Fig. 6). Fenómeno curioso, que regista nos tempos finais da arte pré-histórica, um insólito regresso ao estilo das origens da arte. É, com efeito, nestas linhas cérvico-dorsais sinuosas e adaptáveis a várias espé-

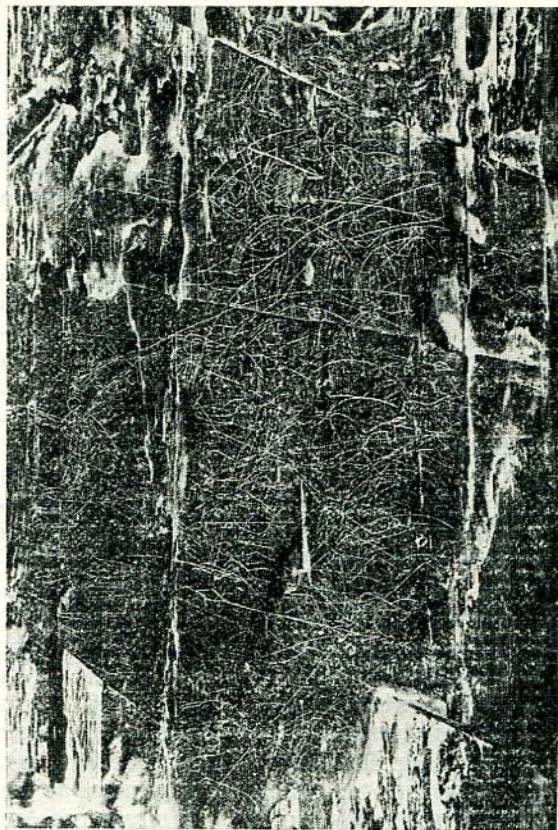


Fig. 6 — Perspectiva de conjunto da rocha 10, um painel cujas sobreposições permitiram uma leitura da evolução da fase filiforme do Vale da Casa.



Fig. 7 — Rocha 10 (pormenor). Duas figuras antropomórficas, uma delas armada com arco, sobrepostas por um reticulado, um pequeníssimo cervídeo e zona anterior de um cavalo. A esquerda, observa-se ainda a parte superior de uma longa lança.

cies, que o Aurignacense tateia as primeiras formas zoomórficas, tão profundamente marcantes na arte do Paleolítico Superior (conf. LEROI-GOURHAN, 1982, 81-83). O riquíssimo leque de sobreposições da rocha 10 confirma, na verdade, que estas linhas pertencem aos momentos tardios da arte filiforme do Vale da Casa (Fig. 6). E aqui, é igualmente importante assinalar a concepção geral do estilo dos cavalos, que partem da gravação em perspectiva distorcida da parte anterior, através de um esquema idêntico em todos eles (conf. o pequeníssimo equídeo representado na Fig. 10). Daqui arrancam depois as linhas cérvico-dorsal e do ventre, completadas pelas pernas posteriores e por pescoços longos e esbeltos, um pouco à maneira Ibérica. A cabeça, sempre mais esquemática que a zona anterior do animal, culmina em duas pequenas orelhas, também sempre em perspectiva distorcida. Para além do exemplar apresentado na Fig. 10, pode ver-se também o cavalo incompleto gravado na extremidade inferior esquerda da mesma rocha (Fig. 6), em que só foi insculpida a zona anterior e a linha cérvico-dorsal, como provas desta curiosa forma de concepção estilística.

Na rocha 15, no entanto, há uma fina e quase desaparecida gravação de um cavalo, associado a um sinal constituído por um rectângulo estriado subverticalmente por uma infinidade de linhas para-

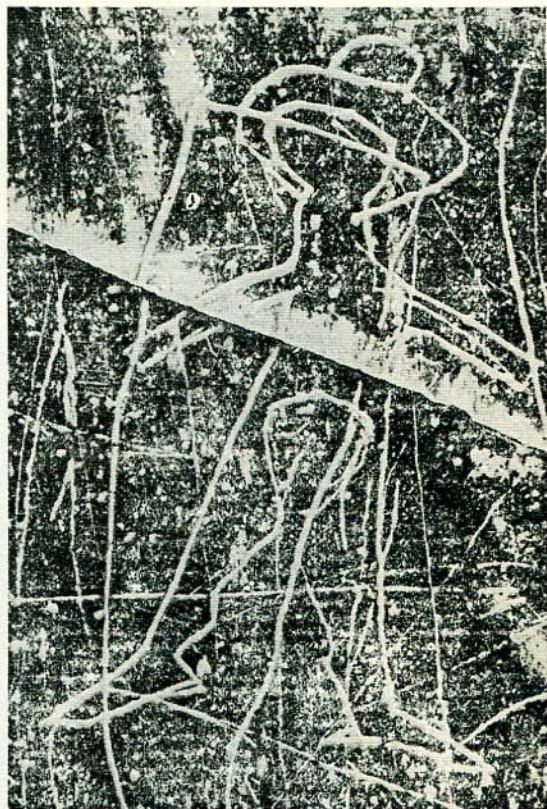


Fig. 8 — Rocha 10. Pormenor de uma das estranhas figuras antropomórficas, cuja cabeça é envolvida por um capacete chapéu ou turbante (?). A figura é sobreposta pelo cabo de uma das grandes falcatas do conjunto.



Fig. 9 — Pormenor de um dos melhores cavalos da rocha 10, um tipo naturalista alongado, cuja cauda aparece estriada inferiormente por um leque de linhas paralelas. Sobrepõe-se, no pescoço, a uma quase desaparecida figura antropomórfica, sendo sobreposto, entre outros motivos, por duas grandes falcatas de grossas linhas e, parcialmente, no ventre, por um conjunto de três setas.

Fig. 10 — Pormenor de um pequeníssimo cavalo da rocha 10, em que é perceptível o estilo e técnica de gravação do traçado deste tipo de figuras nesta estação. Veja-se como a linha cérico-dorsal acentua, como eixo da figura, todo o movimento pretendido, independentemente da perspectiva distorcida da parte anterior, uma característica típica dos cavalos do Vale da Casa.

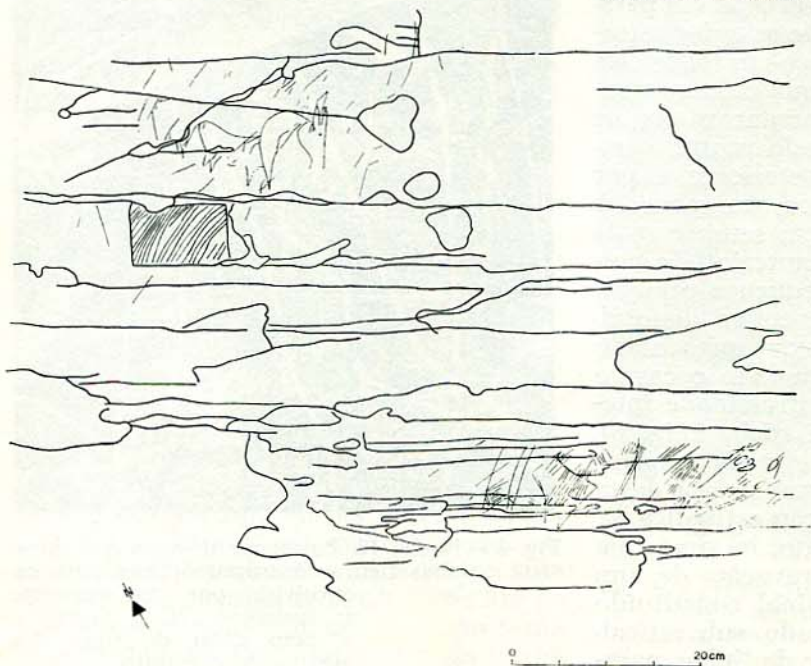


Fig. 11

Rocha 15. Ao alto, à esquerda, um cavalo associado a um rectângulo, este internamente preenchido por linhas subverticais, um símbolo cujo significado nos escapa. O cavalo, com um estilo idêntico ao exemplar de Mazouco, poderia, se desenquadrado do contexto do Vale da Casa, ser paralelizado com um estilo Paleolítico.

lelas (Fig. 11), e com uma característica estilística que vale a pena apontar. O pescoço é superiormente constituído por uma linha semicircular muito alteada, que lhe confere um aspecto grosseiro e pouco esbelto, linha que se continua em arco até às pernas posteriores, curtas e atarracadas. Um estilo, portanto, muito semelhante ao do cavalo de Mazouco, localizado um pouco a montante do Vale da Casa, também junto ao rio Douro. Pertencendo este cavalo da rocha 15 a um contexto claramente da Idade do Ferro, parece-nos assim, que sem outro contexto ou paralelo local, muito dificilmente se poderá continuar a manter a cronologia paleolítica que foi sugerida para aquele (JORGE *et alii*, 1981 e 1982). Aliás, não fossem as armas, as sobreposições e certos pormenores da gravação dos inúmeros cavalos do Vale da Casa e suas associações, e seria estilisticamente defensável para alguns deles essa cronologia Paleolítica ou Epipaleolítica. Vejam-se, por exemplo, os belíssimos exemplares das rochas 7, aqui com uma notável cabeça de

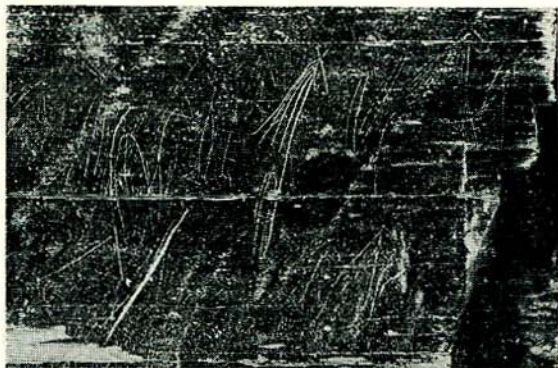


Fig. 12 — Notável friso de cavalos da rocha 6, o maior dos quais parece montado.

crina esfiada (Fig. 4) e 6, onde num conjunto em manada? (Fig. 12), um deles poderá estar montado e ao lado de três falcatas. De qualquer forma, um alerta para o enganoso de atribuições cronológicas ou culturais baseadas em meros conceitos estilísticos e mais uma prova de que ainda estamos muito longe de uma sistematização da nossa arte pré-histórica.



Fig. 13 — Rocha 23 (pormenor). Em primeiro plano, uma cena de caça ao veado, com um cavaleiro, de dardo pronto a lançar, auxiliado por um pequeno grupo de cães. Em picotado, distinguem-se também dois podomorfos humanos.

Outros motivos zoomórficos gravados, figuram cervídeos e canídeos. Um dos mais importantes conjuntos com figuras deste tipo é a cena da rocha 23 (Fig. 13), onde um cavaleiro montado, segurando com a mão esquerda as rédeas do cavalo e erguendo um dardo com a direita, caça um disforme cervídeo, auxiliado por um grupo de cães de caudas afiladas e longos pescoços. Estes têm também a particularidade de apresentarem as patas em forma de «pés de galinha». No cavaleiro, é igualmente de realçar o relevo concedido à curvatura muscular dos membros inferiores, uma característica típica de algumas figuras antropomórficas da Idade do Ferro na Europa Mediterrânica. O cavalo, de pescoço longo e esbelto encimado por uma pequena cabeça, tem um estilo muito semelhante ao dos inúmeros cavalos Ibéricos que surgem pintados nas características ornamentações cerâmicas desta cultura, uma influência possível no Vale da Casa, que poderá ser acentuada pela inscrição com caracteres de tipo Ibérico que ladeia esta cena e lhe está manifestamente associada ⁽⁵⁾.

Entretanto, o corpo dos pequenos cervídeos da rocha 7 (Fig. 4), é concebido segundo um estilo habitual na arte do Noroeste, através de duas linhas curvas quase paralelas que acentuam a volumetria do corpo e terminam assinalando os membros em perspectiva distorcida. Um estilo, portanto, com fundas tradições no Noroeste (conf. por ex. a *Pedra das Ferraduras*, Fentans, a *Laxe das Lebres*, Poio,

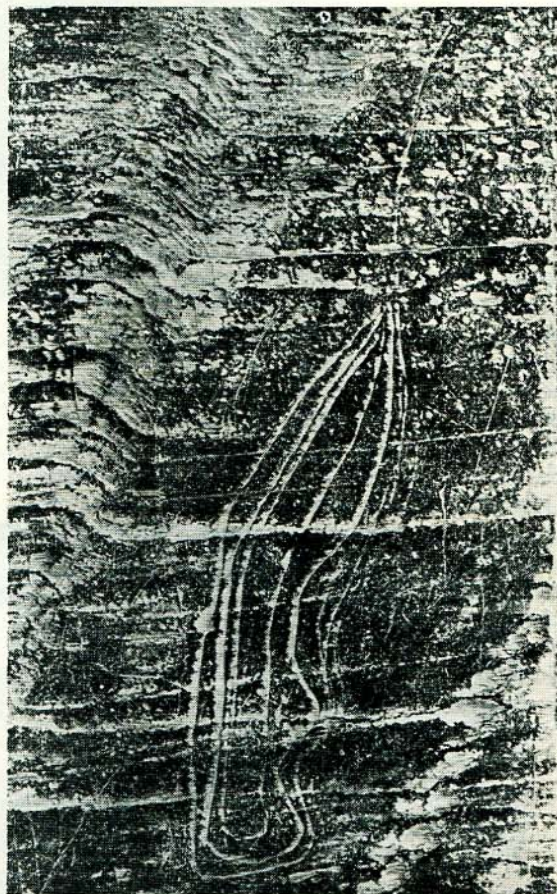


Fig. 14 — Rocha 6 (pormenor). Uma falcata, aparentemente embainhada..

ou a *Pedra do Piñal do Rei*, Cangas, entre muitos outros exemplos que se poderiam citar ⁽⁶⁾), prolongando-se também em



Fig. 15 — Grande falcata da rocha 10, sobreposta a motivos zoomórficos e antropomórficos. Compare-se esta figura, com as Figs. 6 e 9.

muitas gravuras que aparecem em castros da Idade do Ferro (7).

As armas identificáveis no Vale da Casa concentram-se quase todas nas rochas 6 (Fig. 14) e 10 (Fig. 6). São modelos atribuíveis, na sua generalidade, à Idade do Ferro. São elas várias falcatas (Fig. 15), duas das quais embainhadas na rocha 6 (Fig. 14), dardos ou armas de arremesso (Fig. 6 e cavaleiro armado da Fig. 13), lanças, algumas de compridíssimos cabos e outras só gravadas as lâminas (uma destas estrangulada a meio, o que é um exemplo raríssimo), arcos (veja-se o antropomorfo armado com arco, a meio da Fig. 7) e setas (Fig. 9), uma espada ou machete de comprida lâmina (sensivelmente a meio da Fig. 6) e alguns possíveis escudos, um redondo e os outros rectangulares. Uma panóplia variada de armas, que nos permite datar, com alguma segurança, pelo menos a fase filiforme do complexo, a mais importante, como pertencendo à Idade do Ferro..

Entretanto, as figuras geométricas são raras e pouco significativas, pouco mais havendo a registar além do rectângulo citado da rocha 15 (Fig. 11) e alguns traços e linhas de tipologia incerta. Registe-se, por fim, a inscrição já citada da rocha 23 (Fig. 13) (8).

3. FASES DE GRAVAÇÃO: UMA ANÁLISE ENDÓTICA

Na sistematização proposta para a arte do Norte de Portugal, em trabalho que apresentámos ao Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste Peninsular (Porto, Novembro de 1983), considerámos as gravuras de tipo filiforme, até agora pouco representativas na arte rupestre Ibérica, como integráveis num grupo independente dos nossos grupos I e II do NW. Avalizam este critério, quer a sua dispersão geográfica mais interior, disseminada essencialmente nos afloramentos xisto-graváquicos a Ocidente da Meseta, quer especialmente as suas técnicas, tipos e estilos, tudo factores com carácter de homogeneidade própria.

Entre nós, conheciam-se gravuras deste tipo na Pedra Letreira (Góis) e na Pedra

Escrita de Ridevides (Vilariça), ambas objecto de duas monografias (NUNES *et alii*, 1959 e SANTOS JÚNIOR, 1963), respectivamente), estas últimas com a particularidade de terem alguns filiformes sobrepostos por picotagens de tipos cruciformes e em U (ferraduras, na terminologia tradicional), motivos hipoteticamente integráveis no nosso grupo II do Noroeste. Santos Júnior catalogou ainda gravuras filiformes no Poço da Moura (Vilariça) e na Pena Escrita ou Fraga dos Fusos (Sortes), todas no distrito de Bragança (SANTOS JÚNIOR, 1940, 367), tendo anteriormente estas últimas sido reveladas em singelos desenhos pelo Abade de Baçal (ALVES, 1934, 658-659). Nos anos 50, foi ainda identificada a importante estação de Molelinhos (CORTEZ, 1955), que espera ainda, infelizmente, a necessária monografia.

Entretanto, em Espanha têm ultimamente sido também identificados conjuntos de filiformes. Entre os principais, destacuem-se os petróglifos de Azabal e Puerto del Gamo (SAYANS CASTAÑOS, 1956), El Castillo de Pinofranqueado (SEVILLANO SAN JOSÉ, 1976 b) e Vegas de Coria (SEVILLANO SAN JOSÉ, 1976 a), todos na província de Cáceres e atribuíveis a cronologias avançadas dentro do esquematismo peninsular.

Uma cronologia mais recuada fora inicialmente proposta por Santos Júnior para Ridevides e Poço de Moura, que então considerou as suas gravuras como Neolíticas (SANTOS JÚNIOR, 1940, 367), classificação que avançou posteriormente, depois das descobertas de Molelinhos e de Puerto del Gamo, integrando-as todas num «mesmo ciclo cultural que..., dum modo geral, podemos classificar como neo-eneolíticas» (SANTOS JÚNIOR, 1963, 141). As bases para este enquadramento cultural assentavam apenas nas gravações de pretensas pontas de seta triangulares, na sua maioria de base recta (Ridevides), onde igualmente apareciam sulcos mais fundos, que lembravam ao autor «afiadores de machados neolíticos» (SANTOS JÚNIOR, 1963, 131).

Na Pedra Letreira, de Góis, Castro Nunes e seus colaboradores pretenderam igualmente isolar algumas armas líticas,

nomeadamente duas alabardas de sílex (triângulos maiores) e pontas de seta (triângulos menores), um indiscutível arco e seta e dois hipotéticos escutiformes (NUNES *et alii*, 1959). Também aqui se catalogavam pretensos idoliformes (termo vago, quando aplicável a gravuras pouco precisas, como é o caso), que eram aproximáveis a um muito hipotético tipo idêntico de Ridevides, que o próprio Santos Júnior rejeitou, e ao conhecido idoli-forme ou escutiforme de Conjo. De Molelinhos não existem desenhos de conjunto publicados, excepto um pouco claro esboço de Anati (1968, 75). Russel Cortez, que em 1955, revelou muito sumariamente a estação, considerou as suas gravuras com uma cronologia entre o Bronze I e II, comparando-as, pouco criteriosamente, com Mont Bégo, onde efectivamente existem inúmeros filiformes (CORTEZ, 1955, 93). Anati, através das armas gravadas em Molelinhos, que tipificou como punhais, lanças, facas curvas, alabardas e foices, considera-a da média e tardia Idade do Bronze, ligando-a ao «ciclo galaico-português» e classificando-a como a sua rocha «mais tardia e mais a sul atribuível ao grupo dos ídolos e punhais» (ANATI, 1968, 78-79).

A presença desta técnica de gravação em muito poucas rochas, levou Anati a considerar que aquela teria sido «gradualmente abandonada» (ANATI, 1968, 79). Uma posição cómoda, que não atendia igualmente às diferenças de estilo, de tipos e até da própria distribuição geográfica das diversas rochas historiadas.

Estas são, muito sumariamente, as premissas em que, até agora, se vêm integrando as gravuras de tipo filiforme aparecidas entre nós e que, em nossa opinião, estarão totalmente à margem dos dois grupos clássicos da arte galaico-portuguesa. Não há, porém, ainda suficientes elementos seguros, para que, no seu conjunto, possam ser consideradas como um grupo autónomo e suficientemente individualizado. Atente-se, por exemplo, na relativa heterogeneidade dos tipos gravados das diferentes estações atrás mencionadas. Esperemos que novas descobertas (e não esqueçamos que estas gravuras

podem ser de difícil detecção) possam futuramente aclarar este ponto.

Entretanto, uma análise endótica dos filiformes do Vale da Casa, permite-nos perceber, para já, a sua evolução interna. Não estando, porém, ainda todas as rochas exaustivamente estudadas, é possível que futuramente possamos rever algumas das afirmações aqui expendidas.

A rocha 10 (Fig. 6), a mais importante do complexo, não só pela qualidade e tipos das suas gravuras, mas, acima de tudo, pelas suas sobreposições (um importante elemento de cronologia relativa), fornece-nos uma ideia clara da evolução dos tipos gravados e, comparativamente com as restantes rochas e sobreposições nestas evidenciadas, uma sistematização estilístico-cronológica dos filiformes.

Assim, numa superfície que não chega a atingir 1 m², foram gravados cerca de duas centenas de motivos! As gravuras mais antigas, sobrepostas por todas as demais, são os estranhos antropomorfos (Fig. 6, 7, 8 e 9), alguns mesmo de muito difícil detecção. Alguns cavalos poderão já pertencer a este primeiro momento. É importante assinalar que estes tipos antropomórficos não tornam a aparecer em quaisquer das outras rochas historiadas, o que nos leva também a supor que a rocha 10 possa ter sido a primeira, ou uma das primeiras rochas a serem gravadas na fase filiforme do complexo e então preferencialmente escolhida, como o demonstra a grande quantidade de motivos sobrepostos, motivos que só gradualmente se foram estendendo a outros conjuntos. A este propósito, é igualmente de notar que ela ocupa um lugar central no complexo.

Ultrapassada esta tendência antropocêntrica inicial, abre-se um período de clara predominância zoomórfica, em que se grava uma infinidade de cavalos, com a característica inédita do estilo (ou técnica) da perspectiva distorcida das zonas posteriores. Não há cenas. As figuras parece sobreporem-se anarquicamente, preenchendo todos os espaços, livres ou não, da rocha.

Finalmente, continuando-se ainda e sempre a gravação de cavalos (Fig. 9),

difficilmente se poderiam considerar estas linhas sinuosas como estilizações de cavalos (conf. 2). Entretanto, as sobreposições (e associações) indicam-nos que as primeiras armas gravadas foram um pequeno arco (Fig. 7), a longa espada ou machete (sensivelmente a meio da Fig. 6) e dois possíveis escudos (reticula-

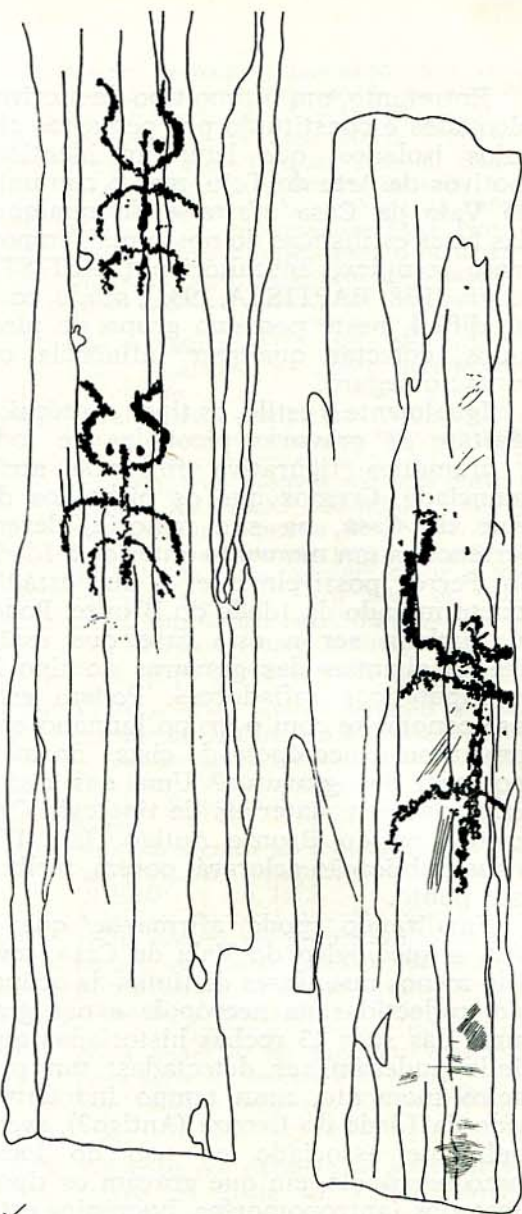


Fig. 16 — Belo conjunto de figuras picotadas da rocha 11, onde são perceptíveis 3 representações de bovídeos (bucranios) estilizados. São as primeiras figuras deste tipo aparecidas no Noroeste Peninsular.

insculpem-se as armas. Paralelamente, a gravação dos cavalos limita-se agora ao desenho singular da linha cérico-dorsal (Fig. 6). Não fora a evolução tipológica e estilística tão clara destes motivos e



Fig. 17 — Perspectiva de uma cista (ver. Fig. 3) após a escavação e antes do levantamento do esqueleto e dos materiais votivos que o acompanhavam. Estes, todos líticos e junto ao crânio, eram constituídos por 2 machados de pedra polida, uma faca de sílex e vários cristais de quartzo (compridos, em forma de lápis).

dos). O último momento de gravação da rocha 10 é assinalado pelas lanças e dardos e, muito especialmente, por quatro grandes falcatas, as armas maiores e mais profundamente gravadas do painel

(Fig. 6 e pormenor na Fig. 15). Estas, ocupando grande parte da superfície historiada, sobrepõem-se a todos os restantes motivos.

Nas restantes rochas da estação, a evolução é semelhante, notando-se a ausência da 1.^a fase (antropomorfos), e a presença de algumas raras figuras muito posteriores, como duas estrelas de cinco pontas, ainda pouco patinadas.

Menos representativas e devendo pertencer a uma fase ou mesmo a um grupo estilístico anterior, são as gravuras picotadas. São predominantemente constituídas por tipos antropomórficos, quer esquemáticos de membros arqueados e tronco linear, a lembrarem alguns modelos da pintura esquemática, quer semi-esquemáticos, com longos corpos rectangulares e, na sua maioria, fálcos, como o belo conjunto da rocha 4 (pormenor na Fig. 5). Outras figuras esquemáticas, de tipologia mais incerta, poderão ser encaradas como representações zoomórficas, como os três belos exemplares (e únicos) da rocha 11 (Fig. 16). Com efeito, o tipo de curvatura acentuada e simétrica das zonas superiores destas gravuras e a sua orientação, contrária relativamente aos quatro membros arqueados, permite a sua integração na categoria das representações de bucrânios, sendo, neste caso, todo o resto do corpo representado mais esquematicamente. Este tipo de motivos, que eram, até há pouco, desconhecidos entre nós (não existem na arte do NW nem no grupo do Vale do Tejo), parece terem também sido já identificados noutra estação perto do Escoural (informação do Arq. Mário Varela Gomes). São motivos de ampla tradição mediterrânica, pelo menos desde o Calcolítico, e acentuam, no Vale da Casa, a cronologia anterior que aqui atribuímos aos tipos picotados, relativamente aos filiformes.

Entretanto, um último tipo de motivos picotados é constituído por pequenos círculos isolados, que lembram idênticos motivos da Arte do Tejo, mas o conjunto do Vale da Casa afasta-se de qualquer das fases estilísticas do nosso mais importante complexo inscultórico (BAPTISTA *et alii*, 1978; BAPTISTA, 1981), sendo, para já, difícil, neste pequeno grupo de picotados, detectar qualquer influência ou contacto seguro.

Igualmente o estilo, os tipos e a técnica afastam as gravuras picotadas de toda a gramática figurativa filiforme atrás enunciada. Cremos que os picotados do Vale da Casa, na sua maioria, devem pertencer a um momento anterior à Idade do Ferro, possivelmente a um estágio indeterminado da Idade do Bronze. Poderá também ser a esta fase que estão ligadas algumas das gravuras do tipo 2, os hipotéticos «afiadores». Poderá esta fase conotar-se com o grupo humano que implantou a necrópole de cistas no mesmo local das gravuras? Uma das cistas escavadas deu materiais de tipologia Calcolítica ou do Bronze Antigo (Fig. 17). A sua publicação aclarará, porém, melhor este ponto.

Finalizando, pode afirmar-se que o sítio arqueológico do Vale da Casa, teve pelo menos duas fases distintas de ocupação, reflectidas na necrópole e nas gravuras das suas 23 rochas historiadas que ainda puderam ser detectadas: um primeiro momento, num tempo indeterminado da Idade do Bronze (Antigo?), eventualmente associado ao uso do local como necrópole, em que gravam os tipos picotados (antropomorfos, bucrânios estilizados e geométricos); e um segundo momento, ao longo da Idade do Ferro, caracterizado pelas inúmeras gravações filiformes, onde merece destaque a importância concedida à representação de cavalos.

NOTAS

(*) Grande parte deste texto, foi já, com algumas alterações e outra disposição, apresentando como "ponência" à secção de Arte Rupestre do «Colóquio Inter-Universitário de Noroeste Peninsular» (Porto, Novembro de 1983), então integrado numa reflexão mais

vasta sobre a arte rupestre do NW. A documentação gráfica agora apresentada, toda inédita, complementará igualmente a correspondente leitura daquele trabalho que, intitulado «Arte rupestre do N. de Portugal: uma perspectiva», aparecerá no próximo volume da nova série da revista *Portvgália*.

- (¹) Nestes trabalhos, realizados sob nossa orientação, colaboraram 2 equipas, respectivamente do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Norte (Fernando Barbosa, Luís Pascoal, Manuel Santos, Maria Perpétua e Sophie Delavis) e do Departamento de Arqueologia do Parque Nacional da Peneda-Gerês (Ana Pinto e Manuel Pires Afonso). Para o bom resultado da campanha, concorreu o excelente apoio logístico que nos foi facultado pela E.D.P. e, também posteriormente, pela Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, entidades a quem agradecemos vivamente.
- (²) Durante esta campanha foi igualmente detectado e desenhado um pequeno grupo de rochas com gravuras obtidas por picotagem, com motivos datáveis entre os séculos XVIII-XX. Localizadas também na margem esquerda do Douro, junto à foz do rio Côa, um pouco a montante do Vale da Casa, os seus motivos mais curiosos figuram, para além de várias datas, um antigo barco rabelo, duas casas, um avião, uma sereia, duas custódias oitocentistas datadas e assinadas (1879, J. M. Cide) e uma locomotiva.
- (³) As escavações, que decorreram ao longo dos meses de Outubro a Dezembro de 82 e Janeiro de 83, foram orientadas pelo Dr. Luís Pascoal, com uma equipa do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Norte.
- (⁴) Sobre a técnica de moldagens em latex de gravuras rupestres, ver ANGELES QUEROL *et alii*, 1975.
- (⁵) A leitura da cena descrita, que na fotografia poderá ser prejudicada pela larga fissura da rocha, poderá ser auxiliada pelo desenho do conjunto, que não inserimos já neste artigo por falta de espaço, mas que figurará no nosso trabalho citado a aparecer no próximo volume da nova série da revista *Portvgalia*.
- (⁶) Conf. PEÑA SANTOS e VÁZQUEZ VARELA, 1979, respectivamente págs. 54, 51 e 50.
- (⁷) Vejam-se, por exemplo, as insculpturas do castro de Yecla de Yeltes (MARTÍN VALLS, 1973).
- (⁸) Sobre a tipologia e estilo das gravuras picotadas, conf. a parte final do ponto 3.

BIBLIOGRAFIA citada

- ALVES, P. F. M., (1934), *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, IX, Porto.
- ANATI, E., (1968), *Arte rupestre nelle Regioni occidentali della Penisola Iberica*, Ed. del Centro, Capo di Ponte.
- ANGELES QUEROL, M. de los, A. M. BAPTISTA, J. P. MONTEIRO e F. S. LEMOS, (1975), *Moldes de Goma Líquida (Latex pre-vulcanizado) Aplicados al Estudio de los Grabados Rupestres*, *Actas de las I Jornadas de Metodología Aplicada de las Ciencias Históricas*, I, Santiago, págs. 121-124.
- BAPTISTA, A. M., (1981), *A Rocha F-155 e a Origem da Arte do Vale do Tejo*, *Monografias Arqueológicas*, I, Ed. do G.E.A.P., Porto.
- BAPTISTA, A. M., M. M. Martins e E. C. Serão, (1978), *Felskunst im Tejo-Tal* — S. Simão (Nisa, Portalegre), Portugal, *Madri-der Mitteilungen*, 19, págs. 89-111.
- CORTEZ, F. Russell, (1955), *Contribucion al estudio de la Protohistoria de los «Lusitani» (Entre el Duero y el Tajo)*, *Archivo Español de Arqueología*, 1.º Semestre, Madrid, págs. 90-101.
- JORGE, S. O., V. O. Jorge, C. A. F. de Almeida, M. J. Sanches e M. T. Soeiro, (1981), *Gravuras rupestres de Mazouco*, *Arqueologia*, 3, Porto, págs. 3-12.
- JORGE, S. O., V. O. Jorge, C. A. F. de Almeida, M. J. Sanches e M. T. Soeiro (1982), *Descoberta de gravuras rupestres em Mazouco, Freixo de Espada-à-Cinta (Portugal)*, *Zephyrus*, XXXIV-XXXV, Salamanca, págs. 65-70.
- LEROI-GOURHAN, A., (1982), *Les Racines du Monde. Entretiens avec Claude-Henri Rocquet*, Pierre Belfond Ed., Paris.
- MARTÍN VALLS, R., (1973), *Insculpturas del Castro Salmantino de Yecla de Yeltes: Nuevos Halazgos y Problemas Cronológicos*, *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología* XXXIX, Valladolid, págs. 81-103.
- NUNES, J. de Castro, A. N. Pereira e A. Melão Barros (1959), *A Pedra Letreira*, Publ. do Museu da Câmara Municipal de Góis, Góis.
- PEÑA SANTOS, A. de la e J. M. Vázquez Varela, (1979), *Los Petroglifos Gallegos*, Ed. do Castro, La Coruña.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. dos, (1940), *Arte Rupestre*, *Congresso do Mundo Português*, I, Lisboa, págs. 327-376, 18 Ests.
- , (1963), *As gravuras litotripticas de Ride vide (Viariça)*, *Trabalhos de Antropologia e Etnografia*, XIX (2), Porto, págs. 111-144, 18 Ests.
- SAYANS CASTAÑOS, M., (1956), *Petroglifos en la Alta Extremadura, Alcántara*, XIII, Abril-Junio, págs. 57-66.
- SEVILLANO SAN JOSE, M.ª del Carmen, (1976a), *Grabados Rupestres de Carros y Ruedas en Vegas de Coria (Cáceres)*, *Zephyrus*, XXVI-XXVII, Salamanca, págs. 257-267.
- , (1976), *Un Petroglifo con Inscripción en la Comarca de Las Hurdes (Cáceres)*, *Zephyrus*, XXVI-XXVII, Salamanca, págs. 269-290.

(Fotografias de Manuel Santos, redução dos desenhos de Ana Pinto)